

Isabel Maria Fernandes Alves*

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Uma (quase) carta da montanha para Ana Luísa Amaral

É dezembro. O nevoeiro baixo e branco silencia a montanha; a paisagem faz-se silêncio. Sei que gostas do silêncio (perguntaste, em tempos, a amigo comum: *não queres fazer o silêncio / comigo?*).

Nas nossas (poucas) conversas, creio que não falámos de montanhas, mas sei que gostas de tudo aquilo que vive perto delas: o céu, o sol, as nuvens, os rios. Isto a contar que, como Ruy Belo, *só entrem nos teus versos as coisas de que gostes*.

Quando pensei escrever-te, e porque *são muitos os caminhos*, não sabia por onde começar. Depois percebi que queria escrever-te uma carta (nada original, percebi mais tarde; parece que te enviaram duas cartas da Póvoa do Varzim, em fevereiro de 2023). Mas insisto na carta, pois tenho por perto *Cartas A Um Jovem Poeta*, obra que conhecerás, e onde releio: *A solidão é uma e, por essência, grande, pesada e difícil de suportar. (...) Se não houver comunicação entre si e os homens, experimente aproximar-se das coisas, que lhe serão sempre fiéis. Há ainda noites, há ainda ventos que agitam as árvores e correm sobre a terra. No mundo das coisas e dos animais, tudo está cheio de acontecimentos a que pode associar-se*. Por querer comunicar contigo de forma sibilante e por saber que gostas das coisas do mundo (e não apenas das *Coisas de Partir*), decidi que te escreveria uma carta. Faço-o a partir da montanha.

E quis que fosse uma carta da montanha porque tenho as minhas leituras, essas que me conduzem ao *tal olhar diagonal das coisas*. Por exemplo, Miguel Torga, em quem terás pensado quando olhaste o céu da Casa de Mateus, tão próximo da montanha do poeta, esse que em vez de cartas escreveu contos (da montanha). Mas também me (co)movedu o livro *Cartas da Montanha*, de João Araújo Correia, escritor das montanhas do Douro. Talvez o seu nome tenha alguma vez cruzado, em voo de pássaro, os teus olhos (não) azuis como os da tua filha. E é destas montanhas do Norte, perto dessas estrelas *tão de /ruir, tão de compassos, tão de negro // vestidas* que te escrevo agora, em dezembro de 2024. Não me esqueço, *todavia*, que o poeta quando *fala de sol e de montanhas, / mesmo que cante os ínfimos espaços / ou as grandes verdades, / todo o poema / é sobre aquele / que sobre ele escreve (...)*.

Uma carta, como diz o dicionário, é uma correspondência (entre um eu que quer comunicar com um outro, ou outros) enviando uma mensagem escrita. Desta vez a carta não segue em envelope nem leva selo; antes, vive dos sinais gráficos que usaste também (tão bem) nos teus versos, esses, cujo som, como os de Dickinson, se ouvem ao abrir. Escrevo-te apenas para trazer para o silêncio imperecível da escrita a minha gratidão pela tua poesia, ela que é [c]ontinuação de céu / — o título possível em viagem / sobre folha branca (...).

A carta pode ser também um mapa, uma representação gráfica de uma realidade existente, sem que seja necessariamente uma cópia exata dessa realidade (vês onde quero chegar?). O dicionário acrescenta que as cartas são guias para conhecermos lugares; nesse sentido, procuro nos teus versos uma certa cartografia de locais específicos, tais como os caminhos da luz da Irlanda: *Que enigma tão enigma / os acolheu / ao seio da montanha? Um tempo despojado de ironia, / todo bordado em vez de coisas / simples: a urze em flor, / os montes sossegados; e / tangente: a luz.* Terás gostado de tal forma desse lugar que dizes: *Morrer aqui um dia, olhando o céu azul de Kerry, / a limpidez do tempo* (afinal, morreste sob o céu azul de Portugal, em agosto de 2022). Terás também gostado de alguma árvore de Rhode Island, pelo menos alguma terá despertado esse espanto inicial / que [te] levou a levantar-lhe / os olhos. Ou o teu mapa pessoal sobre uma ou outra paisagem dos Açores: *Onde quer que o olhar, / navegam as estradas, / e o mar sobeja // — sempre o mar — . Ou, em Londres, sobre esse café manhoso, de árvore / de plástico ao canto.* Mas na tua carta ao mundo não desistes (da poesia) e da sua presença nos lugares mais imprevisíveis (avessos ao previsível): *as cebolas, montanhas: umas mais longas, outras mais / castanhas, ameaçando exata colisão.* Ou, ainda, esse outro momento em que escrevendo sobre uma castanha (tão da minha preferência, tal como a batata (tão íntegra, dizes tu)) desdobras sentidos outros: *uma castanha brava apanhada do chão, / a sua casca acesa e perturbante; interrogo-me se falas da castanha ou da poesia, a qual, conquistada em sílabas, ergues, usando como berço as [tuas] mãos. Já (não) castanha, o corpo interior em desvio, destoando o resto: uma face de Deus? Uma fronteira? / um sobressalto em face do igual? Vê: o fruto da montanha a servir de símile; a servir, também, como imagem de solidão (criativa) e a sua cor invocada por Dickinson em carta famosa a T. W. Higginson: Imaginar-me-á — sem? Não tenho nenhum retrato ao meu alcance mas sou, como o Carricho, pequena, meus cabelos rebeldes como o Ouriço de uma Castanha, e meus olhos como Sherry num Copo que o Visitante não bebe até ao fim — Chega-lhe?*

Outras cartas me agradam e, acredito, te agradem a ti também. Terás lido as antiquíssimas Cartas de Paulo, mas, também, mais próximo de nós, terás sentido a amargura que perpassa em as *Cartas de Aniversário* que Ted Hughes escreveu à desaparecida Sylvia Plath (poeta que, como tu, tinha *uma mesa para a inspiração*; ambas as mesas lugar de vida e de morte, como dizes num dos teus poemas: *do reino igual viemos, para igual reino / vamos, ela e eu// os átomos que me formam e fizeram / podem ter sido os seus*). Ou as luminosas cartas de Katherine Mansfield a J. M. Murry. Em dezembro de 1915, escreve Mansfield: *Acabei agora mesmo de me lavar e arranjar; vesti o meu casaquinho de renda inglesa (que não me fica nada mal) e cá estou ao sol, de janela aberta, fumando o meu primeiro cigarro. O ar parece de cetim e todas as coisas têm o brilho das penas nas asas dos pássaros.* Se lesse — se leste — concordarias que há muito brilho (esse de

que gostas) e podemos mesmo imaginar que da janela Mansfield viu, também ela, *[o]s padrões do azul: / os mesmos/ sempre// (...) Os padrões do azul / e do amor: / os mesmos // (...)*.

Persegue-me esta ideia: que os teus versos são uma (quase) carta ao mundo. Disfarçavas, e raramente, muito raramente, afirmaste que estavas a escrever uma carta ao mundo (bem sei, aqui tem de entrar a alusão a esse outro poema, essa *carta ao mundo que nunca me respondeu*). Terás lido “Carta a meus filhos sobre os fuzilamentos de Goya”, de Jorge de Sena, o poeta que queria falar ao mundo por intermédio dos filhos. Também tu diriges uma espécie de carta à tua filha, mas, acredito, sonhas com um destinatário mais vasto. Esses todos que algum dia, em algum momento, sentirão o apelo da poesia, qual língua de fogo, a derramar-se sobre as cabeças e os espíritos, clamando por dizer a vida do avesso. Nessa (quase) carta dizes à tua filha (lembrando um verso de Sophia: *E a vida não vive em linha recta*) que a vida pode ser fila ou novelo e as *formas de amar todas diversas/ mas feitas de pequenos sons de espanto, / se o justo e o humano aí se abraçam*.

Mais tarde, voltas a escrever uma (quase) carta-poema: “Comuns Formas Ovais e de Alforria: Ou Outra (Quase) Carta a Minha filha”. A forma como nos inquietas, dizendo que isto pode ser outra coisa, e que o chão debaixo dos nossos pés nem sempre é seguro, e fazes isso de todas as maneiras — através de palavras, através de palavras na ordem menos convencional, através de sons e sinais, esses que abrem e fecham o mundo (como os dedos e as mãos num poema de e. e. cummings). Mas, dizia eu, nessa outra carta ao mundo (de novo por intermédio da tua filha) referes a origem do mal: *não me é fácil falar-te em impiedade, / ou nisso a que chamamos mal, / e que existe, e emerge tantas vezes / da idiotia mais rasa e primitiva*. Se estivesses aqui e agora, neste dezembro de 2024, reafirmarias a tua convicção, e dirias uma vez mais, na esperança de que o mundo te ouvisse, que lhe deixas a ela — e a nós — *a desordem do coração [...] / os momentos raríssimos, / como só os milagres se diz terem, / e que às vezes cintilam: // cósmicas cartas de alforria que nos podemos dar, / nós, humanos aqui: // (...)*. Creio, Ana Luísa, que escrevendo sobre outras coisas, é sobretudo sobre poesia que escreves, sobre o momento em que ela toma forma, ou seja, se faz sentimento em ti, tal como o descreves, também, na carta a Lídia (qual delas?): *E o rio tornou-se nada, Lídia, / pois ela veio: indócil, mergulhante, / tímida de criança / a puxar-me insistente pela dobra da blusa / obra mais quente do que o meu café / (...) // Obrigada por me lembrares, amiga, / que não é sossegadamente / que a vida passa —*

Há alguns anos, numa das tuas passagens por Mateus (creio que em 2005 — sei-o porque me ofereceste o poema dedicado à memória do teu pai), deste-me uma dúzia de folhas e disseste: guarda-as; sou muito distraída e posso perdê-las. Ao olhar essas folhas soltas, dentro de uma capa azul, vejo agora que me entregaste uma (quase carta): os poetas portugueses do século XX (que te são próximos): Fernando Pessoa (e Álvaro de Campos), Mário de Sá Carneiro, Florbela Espanca, Irene Lisboa, Jorge de Sena, Sophia de Mello Breyner, Eugénio de Andrade, António Gedeão, Maria Teresa Horta, Ruy Cinatti, Natália Correia, Alexandre O’Neill, Herberto Helder, Nuno Júdice, Maria do Rosário Pedreira. E alguns poemas teus. Guardo esta tua seleção de poemas como se de uma carta se tratasse; um meio de me dizeres — olha, aqui estão aqueles em cujas asas voei, ou, então, aqueles em quem *a arte de ser tigre* se materializou.

Esse tigre que te ofereceu a arte primeira: *[d]o ponto mais recôndito / da mente, / um tigre salta em direção à luz: // para depois retroceder / o gesto, / estacado membro / e som // Fere-lhe o vento / uma flecha de azul, / um recanto onde o tempo / mais se apega, / até iluminar toda a clareira // e sobressaltar tudo*; esse tigre, esse fogo, que devolveu o teu mundo ao mundo sem que este te tivesse respondido. Mas — acredita — os teus versos não se perderam de vez; antes, pertencem à Casa onde *há molduras que não dissipam nunca / o rosto ou aguarela que resguardam*.

Julgo que te disse o essencial: falei do tempo de agora (o frio prateado de dezembro), do gosto pelos teus versos (que pedem sempre uma resposta em forma de azul), do entendimento da tua poesia como uma (quase) carta ao mundo, esse lugar onde vivem, entrelaçados, astros, ventos e abelhas e, também, *as vozes e os risos/ dos filhos dos humanos* —¹

Despeço-me com as tuas palavras para mim (em folha de livro), *um grande beijo e a amizade antiga* da Isabel.

NOTAS

* Isabel Maria Fernandes Alves é Professora Auxiliar de Estudos Anglo-Americanos na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Nos últimos anos, a sua pesquisa centrou-se no estudo das interseções entre literatura e meio ambiente. Os seus interesses atuais de pesquisa incluem escrita sobre a natureza, ecocrítica e humanidades ambientais.

¹ Neste texto foram utilizadas as seguintes obras: Ana Luísa Amaral, *O Olhar Diagonal das Coisas*. Assírio & Alvim, 2022; Ruy Belo, *Homem de Palavra[a]*. Presença, 1997; Rainer Maria Rilke, *Cartas A Um Jovem Poeta*. Tradução de Fernanda de Castro, Contexto, 1991; Emily Dickinson, *Bilhetinhos com Poemas*. Tradução Ana Fontes, Colares editora, 1995; Ted Hughes, *Cartas de Aniversário*. Tradução de Manuel Dias, Relógio D'Água, 1998; *Cartas de Katherine Mansfield*. Tradução de Manuela Porto, Portugalíia editora, s/d; Emily Dickinson. *Duzentos Poemas*. Tradução de Ana Luísa Amaral, Relógio d'Água, 2014; Jorge de Sena, *Poesia II*. Edições 70, 1988; Sophia de Mello B. Andresen, *O Búzio de Cós e outros poemas*. Caminho, 1997; e. e. cummings, *xix poemas*. Tradução Jorge Fazenda Lourenço, Assírio & Alvim, 1991. No texto, as citações surgem em itálico.